

lidade desta investigação é ajudar-nos a formar uma imagem do homem através daqueles que mais, ou melhor, se debruçaram sobre as suas qualidades ou defeitos actuais. Mas iremos também visitar algum cientista, algum filósofo das ciências, algum médico célebre, algum industrial com capacidade de filosofar, algum cineasta, algum historiador e até — por que não? — algum físico e algum romancista. Todas as actividades são outros tantos meios de outorgar ao homem o domínio do mundo exterior, bem como o domínio sobre si mesmo, e todas as disciplinas actuais, todas as técnicas do conhecimento, procuram, hoje em dia, elaborar uma linguagem comum, encontrar um terreno intermédio onde possam chegar a um vocabulário geral, a um pacto entre as sabedorias, que torne de novo possível o entendimento total do homem.

Não há dúvida de que nos encontramos num momento decisivo da nossa evolução, no de uma mutação essencial, tornando-se imprescindível, logo de entrada, examinar tudo através de quanto até hoje temos elaborado por vias diferentes e até contraditórias. Se é verdade que estamos a entrar numa Galáxia Marconi e prestes a deixar a Galáxia Gutenberg, como sustenta McLuhan, então este nosso momento, o da conquista do átomo e do espaço interstelar, pode talvez assemelhar-se e ter certo paralelismo com a época em que Sócrates se despedia deste mundo, para dar lugar a uma nova era, a de Platão. A palavra falada, comunicada de boca a ouvido, a transmissão dos conhecimentos de mestre a discípulo, típica dos pré-socráticos e dos pitagóricos, a definir uma civilização auditiva ou analfabeta, como pretende o mesmo McLuhan, entra num ciclo alfabético, no da palavra escrita, no dos conhecimentos incrustados em pergaminho, depois numa folha de papel ou *biblos*, por último em muitas folhas, quando a escrita se torna tipográfica.

No momento actual, estaríamos a entrar num novo ciclo auditivo, devido à electricidade e aos *mass media*¹, que estão a tirar à palavra impressa os seus poderes, para os passar aos antigos soberanos do ouvido. Será esta uma mutação? Dada a modificação a que o emprego de novos instrumentos como prolongamento dos nossos sentidos obriga, pressuporá isto uma reforma do nosso próprio ser? Parece que sim. Parece até que nos estamos a transformar segundo o ritmo e o estilo das transformações que impomos aos nossos próprios instrumentos. E, visto serem hoje os *mass media*, no sentido mais amplo do termo, o que melhor caracteriza o nosso tempo, adquiriremos o seu aspecto, e a nossa essência humana, por uma

¹ Expressão inglesa, usada em ciências sociais, que engloba o conjunto dos meios de comunicação das informações dirigidas simultaneamente a um grande número (*mass*) de indivíduos. — (N. do T.)

simples e lógica transferência, acabará por se parecer com aquilo que possa significar a essência de um televisor ou de um telefone. Estamos a deixar de ler com os olhos os milhares de páginas impressas que até agora constituíam uma «cultura pessoal», para darmos atenção à palavra falada, transmitida directamente. A nossa biblioteca virá a ser a nossa memória, não dentro de dez anos, nem talvez de cem, mas daqui a vários séculos, quando os *mass media* já tenham feito de nós aquilo que nós próprios somos na sua finalidade ao inventá-los. A Galáxia Marconi terá séculos de duração, tal como os teve a de Gutenberg. Uma coisa é certa, e é que algo de novo começou para todos, e a inquietação que agita novos e velhos, esse afã de autocompreender-se, e forjar para si um novo destino, não é mais do que uma das manifestações deste tempo de encruzilhada, submetido ao controle de umas mentes e suas máquinas, obedecendo porventura a outras razões e a outros postulados situados por cima de nós e de que não possuímos mais que uma ideia metafísica. Estamos, como sempre, a forjar mitos.

Como quer que seja, e precisamente num momento como o actual, fácil de analisar mas difícil de compreender, valia a pena realizar esta viagem aos centros, para discutir com eles sobre o que se passa e virá a passar, procurando tirar o ponto, como sói dizer-se, e medir a temperatura espiritual deste outono da idade moderna, tão revoltado, tão desejoso de saber o que será de nós, seus habitantes. Não sei qual virá a ser a conclusão desta viagem, se optimista, se sombria. E, na interrogação que esta dúvida encerra, esconde-se a *suspense* deste livro e sua justificação literária e humana.

Quero ainda dizer que, para escrever estas páginas, fui obrigado a uma série de longas viagens, de Nápoles a Estocolmo, da Floresta Negra a Montreal e Nova Iorque, passando por lugares tão distantes e tão importantes para a compreensão do nosso século, como sejam Dublin, Toronto ou Salamanca. Estas viagens ocuparam ano e meio da minha vida, de Janeiro de 1969 a Maio de 1970. Tive que voar até Roma, para me encontrar com Fellini; retomar o avião para Zurique e entrevistar o filho de Jung; alugar um carro nesta cidade, para chegar a Wilflingen (que não tem estação de caminho de ferro) e conversar com Jünger; voltar a Zurique e tomar o comboio para Basileia, onde era esperado por Urs von Balthasar; trocar o comboio pelo meu carro, meses depois, para ir de Paris a Munique; regressar, a caminho de Genebra; daí, seguir para a Itália; e assim sucessivamente. Cruzar o oceano em oito horas, de Madrid a Montreal; ir de comboio de Washington a Nova Iorque; de autocarro de Boston a Nova Iorque. Não utilizei o submarino, por não estar ainda ao alcance de toda a gente, nem os cavalos, que já não servem para viajar. Tudo o mais, sim, para poder chegar aos centros que me tinha proposto visitar.

A internet
mudar em prognósticos.